

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESUÍTICA: APRENDIZAGEM
INTEGRAL, SUJEITO E CONTEMPORANEIDADE**

GIULIANNA GOMES DE ALMEIDA

**A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES
SOCIOEMOCIONAIS PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL DOS ESTUDANTES**

**São Leopoldo
2023**

GIULIANNA GOMES DE ALMEIDA

**A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES
SOCIOEMOCIONAIS PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL DOS ESTUDANTES**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Especialista em Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos.

Orientadora: Prof.^a Me. Camila Gomes Martins Teixeira

São Leopoldo

2023

A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL DOS ESTUDANTES

Giulianna Gomes de Almeida¹

Camila Gomes Martins Teixeira²

RESUMO

O construto competência socioemocional tem se destacado no ambiente escolar por sua relação com o desenvolvimento do indivíduo e por ser compreendido como um conjunto de habilidades que devem ser apreendidas e que ampliam a possibilidade de uma educação completa. Nesta, o desenvolvimento intelectual e o amadurecimento emocional integram a aprendizagem para a vida. O presente trabalho foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica e propõe uma reflexão sobre a importância do desenvolvimento das competências socioemocionais na formação integral dos estudantes. Nesse sentido, procurou-se relacionar alguns direcionamentos propostos pela Base Nacional Comum Curricular e pela Rede Jesuíta de Educação. Ademais, articulou-se o tema com aspectos da Inteligência Emocional, com diretrizes da Pedagogia Inaciana e algumas experiências de colégios da Rede Jesuíta de Educação. Para embasamento teórico, dialogou-se com autores como Daniel Goleman e Zilda Del Prette, assim como com padre Luiz Fernando Klein, padre Arturo Sosa e padre Francisco Ivern. Como achados, demonstrou-se que as habilidades emocionais e sociais, se bem desenvolvidas, favorecem a formação integral e reverberam de modo significativo na vida dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVES: Competência socioemocional. Formação Integral. Inteligência Emocional. Rede Jesuíta de Educação.

1 INTRODUÇÃO

As pesquisas sobre as competências socioemocionais vêm sendo cada vez mais frequentes, tanto nas escolas como em outros setores ligados à educação e ao desenvolvimento humano. Nesse esteio, torna-se necessário refletir sobre a

¹Graduada em Pedagogia, com especialização em Psicopedagogia. Atua como orientadora de aprendizagem no Colégio dos Jesuítas/JF. Coordenou unidades de atendimento e participou da equipe de direcionamento para o trabalho com adolescentes no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Secretaria de Assistência Social da Prefeitura de Juiz de Fora. E-mail: giulianna.almeida@coljes.com.br.

² Professora orientadora. Coordenadora de unidade no Colégio dos Jesuítas em Juiz de Fora. Licenciada em Pedagogia, com especialização em Psicopedagogia e Currículo e Prática Educativa. Mestra em Gestão Educacional. E-mail: camila.teixeira@coljes.com.br.

importância do desenvolvimento das habilidades socioemocionais dentro e fora da escola e observar aspectos da educação socioemocional à luz da formação integral. Nesse sentido, Klein (2017) esclarece que:

A Educação Integral é a que: 1) exerce uma ação de tipo abrangente, envolvente, integrador, compreensivo, sistêmico sobre o processo educacional; 2) olha o sujeito a partir de vários ângulos, identificando os elementos que considera importante fomentar para que a sua educação seja completa. (KLEIN, 2017, p.1).

Na atualidade, as escolas vivenciam o desafio de educarem no século XXI, devendo pensar para além da área de conhecimentos cognitivos e intelectuais. A fim de alcançar uma educação completa, é necessário educar também para a ética, a cidadania, a diversidade e a inclusão social. Do mesmo modo, é preciso buscar meios de desenvolver o amadurecimento psicológico dos jovens, preparando-os para fazerem escolhas profissionais, para as demandas da vida e para conviverem de forma pacífica em sociedade, exercendo a cidadania.

A escola é um ambiente plural e diverso, em que ocorrem as primeiras experiências de relações sociais. Nela as crianças passam a perceber o outro, a conhecer suas próprias emoções e limitações e aprender a respeitar e a relacionar-se em grupo. Assim, para aprimorar a capacidade de administrar emoções, ter autocontrole, perceber as próprias emoções e as emoções do outro, é necessário conhecer e desenvolver as habilidades socioemocionais, as quais não são estritamente cognitivas. Goleman (1996).

Considerando o impacto que as competências socioemocionais podem ter na vida dos indivíduos, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a relevância do desenvolvimento das habilidades socioemocionais para a formação integral dos estudantes, relacionando-as a diretrizes propostas pela Rede Jesuíta de Educação (RJE) às suas escolas.

Nessa perspectiva, Goleman (1996) destaca que é preciso dedicar atenção às emoções como meio de fortalecimento psicológico. O autor considera a possibilidade de enriquecer o desenvolvimento emocional de crianças e jovens por meio de uma abordagem que promova uma formação integral eficaz. Isso implica a incorporação das habilidades socioemocionais no currículo e no cotidiano escolar, de forma a motivar os estudantes a assumirem um papel ativo em seu processo de aprendizado e conscientizá-los de sua atuação como agentes transformadores na sociedade.

De acordo com Goleman (1996), em outros países, o *Social and Emotional Learning* (SEL) atua como programa de educação para formação de caráter, como prevenção à violência, ao uso de drogas e à indisciplina escolar. O pesquisador ainda acrescenta a essa lógica que “[...] o único remédio capaz de debelar esses sintomas de doença social seja uma nova forma de interagirmos no mundo, com a inteligência emocional” Goleman (1996, p.19).

Posto isso, e visando à compreensão de como o desenvolvimento das habilidades socioemocionais colabora, de forma significativa, para a formação dos estudantes, o presente estudo adotou como metodologia a pesquisa bibliográfica.

Por meio de articulações entre as competências gerais descritas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as pesquisas sobre Inteligência Emocional, com base em autores como Daniel Goleman (1996) e Zilda Del Prette (2001, 2017) destacou-se e fundamentou-se a importância do desenvolvimento das competências socioemocionais na formação integral do indivíduo. Ademais, a análise de referenciais que tratam das dimensões da Pedagogia Inaciana e do Projeto Educativo Comum (PEC) da Rede Jesuíta de Educação possibilitou relacionar o tema aos documentos oficiais da RJE. O intuito é contextualizar direcionamentos já propostos pela Rede sobre a formação integral e exemplificar com algumas experiências vivenciadas em seus colégios, que se correlacionam com as competências socioemocionais.

A escolha de pesquisar esse tema surgiu de meu sentimento como educadora que acredita na educação como mola propulsora da transformação social, associado ao que estudei no curso de Especialização Jesuítica. Tive a oportunidade de refletir sobre a necessidade de aprofundar os estudos acerca de temas relacionados à diversidade, à identidade e às diferenças e avaliar que, historicamente, as vivências remetem a uma educação conservadora, que não condiz mais com a realidade dos jovens.

Além disso, observar a forma de os adolescentes expressarem suas emoções foi um dos fatores que me levou a refletir sobre *A importância do desenvolvimento das habilidades socioemocionais para a formação integral dos estudantes*. Trabalho no Colégio dos Jesuítas de Juiz de Fora desde janeiro de 2020, onde atuo na função de orientadora de aprendizagem com adolescentes de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II. No cargo, com base em observações, nos atendimentos e nas intervenções efetuados ao longo desse período, constatei os aspectos comportamentais dos adolescentes, percebendo a dificuldade que eles têm em lidar

com suas emoções, com os sentimentos dos outros e em organizar suas atividades diárias.

A adolescência compõe o processo de formação da personalidade do indivíduo. Sob essa ótica, consiste em um momento propício para o diálogo sobre como enfrentar adversidades, superar frustrações e administrar e suportar sensações – como angústia, ansiedade, medo e solidão –, as quais foram ampliadas nos anos decorrentes da pandemia de covid-19. Goleman (1996, p. 21), nesse sentido, ilustra com o pensamento de Aristóteles, que afirma que “[...] qualquer um pode zangar-se – isso é fácil. Mas zangar-se com a pessoa certa, na medida certa, na hora certa, pelo motivo certo e da maneira certa – não é fácil.”

Portanto, o presente estudo se justifica pelo atual contexto social e, sobretudo, por se entender que as mudanças na sociedade ocorrem por meio da formação dos indivíduos. Ao se oportunizar espaço para o trabalho com as emoções, desenvolvendo as habilidades socioemocionais nas escolas, favorece-se a formação de cidadãos competentes, conscientes, compassivos, criativos e comprometidos, conforme proposto no PEC. Uma forma, pois, de educar a “ser mais para os demais” (Padre Pedro Arrupe).

Mediante essa proposta de estudo, o presente trabalho se organiza em três capítulos, além da introdução e das considerações finais.

Na introdução, apresentam-se a temática do artigo, o objetivo, a justificativa e a relevância da pesquisa bibliográfica acerca do tema. No capítulo 2, argumenta-se sobre a ampliação do trabalho com as competências socioemocionais nas escolas. Já no capítulo 3, contextualiza-se o tema e expõe-se a relação com as transformações no mundo, em que as mudanças de comportamento e os avanços científicos e tecnológicos afetam a nova geração de crianças e jovens. No capítulo 4, fundamenta-se a pesquisa com amparo nas diretrizes da BNCC e em alguns documentos da Rede Jesuíta de Educação. Nas considerações finais constam as conclusões da pesquisa e as reflexões que embasam o estudo.

2 POR QUE FALAR DE COMPETÊNCIA SOCIOEMOCIONAL NA ESCOLA?

Aspectos ligados às emoções sempre estiveram associados à educação. Grandes pensadores da área, como Lev Vygotsky e Jean Piaget, já demonstravam

preocupação com a influência das emoções no desenvolvimento e no comportamento humano. Na concepção de Piaget (1976):

[...] vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe, ao mesmo tempo, estruturação e valorização. Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão. (PIAGET, 1976, p.16).

Dessa maneira, compreender as emoções e os sentimentos como fatores para o desenvolvimento integral do indivíduo é essencial para se abordar o conceito das habilidades e das competências socioemocionais e entender que estas influenciam tanto as relações sociais quanto a aprendizagem. Nesse sentido, Vygotsky (2003) ressalta que:

A emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento. A preocupação do professor não deve se limitar ao fato de que seus alunos pensem profundamente e assimilem a geografia, mas também que a sintam. [...] as reações emocionais devem constituir o fundamento do processo educativo. (VYGOTSKY, 2003, p. 121).

Ao encontro dessa linha de pensamento, Zilda Del Prette (2001) menciona que as habilidades socioemocionais se baseiam em comportamentos que expressam sentimentos, desejos, opiniões e direitos. Tais comportamentos, por sua vez, devem ser adequados a cada situação vivenciada pelo indivíduo e organizam-se em: autocontrole e expressividade emocional, civilidade, empatia, assertividade, fazer amizades, solucionar problemas interpessoais e habilidades sociais acadêmicas. Dessa forma, é fundamental compreender as habilidades socioemocionais como coadjuvantes das habilidades cognitivas, e elas devem ser trabalhadas em conjunto para, de fato, pensar-se em desenvolvimento integral do indivíduo.

Diante de tais reflexões, conclui-se que o conceito de competência socioemocional refere-se a um conjunto de habilidades e capacidades relacionadas às emoções e aos comportamentos humanos. Conforme Mayer e Salovey (1997):

A Inteligência Emocional envolve a capacidade de perceber acuradamente, de avaliar e de expressar emoções; a capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção e o conhecimento emocional; e a capacidade de controlar emoções para promover o crescimento emocional e intelectual. (MAYER & SALOVEY, 1997, p. 15 apud GOMES e SIQUEIRA, 2010).

Assim, as competências socioemocionais são compreendidas como fatores para a percepção das emoções e a capacidade de administrá-las, possibilitando atitudes apropriadas diante de cada circunstância. Isso contribui para a construção de relacionamentos saudáveis e equilibrados. Ademais, elas auxiliam no ajustamento social e emocional do indivíduo e favorecem o desenvolvimento intelectual, influenciando, de forma significativa, a formação integral.

As discussões sobre o papel das competências socioemocionais para a formação integral estão em evidência no mundo inteiro. Isso fica claro nos Relatórios de Desenvolvimento Humano Global, publicados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Fundamentado nas principais questões, tendências e políticas do desenvolvimento mundial, publicou, em 2022, o documento *Tempos incertos, vidas instáveis – Construir o futuro num mundo em transformação*, no qual aponta as emoções como uma forma de ampliar perspectivas.

[...] devemos procurar perspectivas mais amplas no que respeita ao processo de tomada de decisões, que considerem os papéis das emoções e da cultura, e que explorem a forma como, em conjunto, as pessoas se constroem e mudam narrativas impregnadas de valores sobre si próprias e sobre as várias comunidades a que pertencem. (RELATÓRIO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO, 2022, p.17).

Em consonância com a temática, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e a Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI publicaram o documento *Educação: um tesouro a descobrir*, que demonstra a preocupação com as ações educativas e as políticas educacionais. Nesse documento, o presidente da comissão, Jacques Delors, justifica sua intenção ao divulgar apontamentos para a transformação da sociedade mundial.

Perante os múltiplos desafios suscitados pelo futuro, a educação surge como um trunfo indispensável para que a humanidade tenha a possibilidade de progredir na consolidação dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social. No desfecho de seus trabalhos, a Comissão faz questão de afirmar sua fé no papel essencial da educação para o desenvolvimento contínuo das pessoas e das sociedades: não como um remédio milagroso, menos ainda como um “abre-te sésamo” de um mundo que tivesse realizado todos os seus ideais, mas como uma via – certamente, entre outros caminhos, embora mais eficaz – a serviço de um desenvolvimento humano mais harmonioso e autêntico, de modo a contribuir para a diminuição da pobreza, da exclusão social, das incompreensões, das opressões, das guerras [...]. (DELORS, 2010, p.5).

Nessa ótica, a Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI uniu especialistas de diversas áreas para analisar uma educação que

considere o ser humano em sua integralidade. Para tanto, propõe um sistema de ensino fundamentado em aprendizagens essenciais para o desenvolvimento do indivíduo, conhecido como os quatro pilares da educação para o século XXI, quais sejam: (I) aprender a conhecer, (II) aprender a fazer, (III) aprender a ser e (IV) aprender a conviver. (UNESCO, 2010, p.31).

Posto isso, verifica-se que a escola é o espaço ideal para o estímulo das relações humanas e o desenvolvimento de habilidades e potencialidades do indivíduo. Tal aprimoramento influencia, de forma positiva, a infância e a juventude, inspirando uma vida mais organizada, que favorece a autorregulação e o gerenciamento das emoções. Além disso, proporciona ações mais assertivas e adequadas, mesmo diante de situações difíceis e complexas, como Jacques Delors (2010) menciona:

No final de um século marcado pelo tumulto e pela violência, assim como pelo progresso econômico e científico – aliás, desigualmente distribuído – e no alvorecer de um novo século, cuja perspectiva é alimentada por um misto de angústia e de esperança, é imperativo que todos aqueles que estejam investidos de responsabilidade prestem atenção aos fins e aos meios da educação. A Comissão considera as políticas educacionais um processo permanente de enriquecimento dos conhecimentos e dos *savoir-faire* e talvez, sobretudo – um recurso privilegiado de construção da própria pessoa, além das relações entre indivíduos, grupos e nações. (DELORS, 2010, p.5-6).

Nesse contexto, Goleman (1996) acredita que as habilidades socioemocionais atuam como coadjuvantes na preservação da saúde e do equilíbrio emocional, o que corrobora a construção de uma maior qualidade de vida. Sendo assim, é fundamental o desenvolvimento contínuo dessas habilidades para que o indivíduo tenha a capacidade de ampliar suas potencialidades, discernir suas emoções e fazer melhores escolhas pessoais e profissionais. Jacques Delors (2010), sob essa ótica, acrescenta que:

A educação deve enfrentar esse problema porque, na perspectiva do parto doloroso de uma sociedade mundial, ela se situa, mais do que nunca, no âmago do desenvolvimento da pessoa e das comunidades; sua missão consiste em permitir que todos, sem exceção, façam frutificar seus talentos e suas potencialidades criativas, o que implica, por parte de cada um, a capacidade de assumir sua própria responsabilidade e de realizar seu projeto pessoal. (DELORS, 2010, p.10).

Diversos pesquisadores de diferentes áreas ressaltam que o desenvolvimento das habilidades socioemocionais é elemento fundamental para que o indivíduo alcance maior qualidade de vida e um melhor desempenho acadêmico, profissional e pessoal. Peter Salovey e John Mayer, em 1990, defenderam que o conceito de

Inteligência Emocional (IE) consiste “na capacidade de perceber e exprimir a emoção, assimilá-la ao pensamento, compreender e raciocinar com ela e saber regulá-la em si próprio e nos outros” (SALOVEY; MAYER, 2000, apud Santos, 2015). Para os autores, essa habilidade é tão relevante quanto o Quociente de Inteligência (QI). No entanto, a noção de IE só ganhou visibilidade após a publicação do livro *Inteligência emocional*, de Daniel Goleman, em 1995, que trouxe à tona o embate entre Quociente Emocional (QE) e QI.

Nas últimas décadas, tornou-se impossível falar de Inteligência Emocional sem citar sua relação com competência socioemocional. Goleman (1996) argumenta que o sucesso de uma pessoa depende 20% de seu QI e 80% de seu QE, alegando que a racionalidade não é o único elemento necessário para se medir a inteligência de uma pessoa.

O autor considera, ainda, que o conceito de IE revela-se na capacidade de compreender e gerenciar as próprias emoções, bem como na possibilidade de uma aprendizagem para além do racional e do cognitivo, levando em consideração outros elementos, como a aprendizagem socioemocional. Amparado em suas pesquisas, Goleman (1996) aponta que a capacidade de uma pessoa de gerenciar seus sentimentos e expressar-se de maneira apropriada vincula-se à Inteligência Emocional. Outrossim, alega ser ela um dos atributos fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo. Quando bem desenvolvidas, refletem-se de maneira positiva no ambiente escolar ou corporativo, formando indivíduos capacitados emocionalmente e preparados para o mundo do trabalho.

Ao longo de sua trajetória, Goleman (1996) pesquisou o comportamento humano. Por isso, ressalta que a compreensão das emoções e dos pensamentos influencia os valores e as habilidades do indivíduo, que resultam em um sujeito empático, crítico, justo e responsável.

Em suas análises, o pesquisador apresenta os cinco pilares da Inteligência Emocional, a saber: conhecer as próprias emoções, controlar as emoções, ter automotivação, ter empatia e saber se relacionar interpessoalmente. Nesse esteio, as sensações emocionais afetam todas as áreas da vida do indivíduo. Ao tomar consciência do controle das emoções, o sujeito pode ser beneficiado, porque aprender a reagir de maneira assertiva propicia a criação de relacionamentos pessoais e profissionais com mais chances de sucesso.

O desenvolvimento das habilidades socioemocionais fomenta, da mesma maneira, a segurança emocional, formando sujeitos equilibrados e confiantes. Goleman (1996) destaca esse benefício como ação preventiva, fator que evitaria inúmeros problemas sociais da juventude.

Na última década, mais ou menos, proclamaram-se “guerras”, sucessivamente, à gravidez na adolescência, à evasão escolar, às drogas e, mais recentemente, à violência. O problema dessas campanhas, porém, é que chegam tarde demais, depois que o problema visado já atingiu proporções epidêmicas e deitou firmes raízes na vida dos jovens. São intervenções em crise, o que equivale a enviar ambulância para o resgate, em vez de dar uma vacina que previna a doença. Em vez de mais guerras desse tipo, o que precisamos é seguir a lógica da prevenção, oferecendo às nossas crianças aptidões para enfrentar a vida, que aumentarão suas oportunidades de evitar todos esses problemas. (GOLEMAN, 1996, p.272).

Diante dessa reflexão, é essencial a compreensão da necessidade do desenvolvimento de todas essas habilidades para a formação de um ser humano inteiro, de forma integral.

3 NOVOS TEMPOS E UMA NOVA GERAÇÃO

Nas últimas décadas ocorreram inúmeras transformações no mundo, em que mudanças de comportamento, valores morais, avanços científicos e tecnológicos alteraram a forma de os seres humanos viverem.

Do ponto de vista histórico, as vivências da sociedade remetem a uma educação conservadora, que não condiz com a realidade dos jovens. Desse modo, evidencia-se a urgência de se repensar a maneira de trabalhar a educação integral nas escolas, admitindo a existência de novas culturas e as transformações ocorridas na sociedade.

A educação contemporânea, portanto, deve ser considerada em uma perspectiva mais abrangente, a fim de que seja possível acompanhar os “novos tempos”, conforme aponta o sociólogo Zygmunt Bauman (1999), em *Modernidade Líquida*. Na obra, o autor refere-se à velocidade em que o mundo e os costumes se movimentam, conduzindo o olhar para um novo modelo de sociedade que vem se formando.

É perceptível que a transformação do mundo obriga as pessoas a saírem do lugar antes conhecido e revela que as diferenças de identidades, condições sociais e

culturais compelem a modificar-se a maneira de lidar com a sociedade e com os indivíduos, com o desafio de educá-los em sua própria diferença. Conforme Corazza (2005, p. 9): “O currículo e a pedagogia não podem agir nem pensar como antes, os professores e alunos não podem educar nem serem educados como até então”.

A título de exemplo dessa nova realidade, são notáveis os avanços tecnológicos, sinalizando que a vida não é mais a mesma do que há 20 anos. A tecnologia tornou-se parte das rotinas e foi a responsável por salvar os indivíduos de um abismo ainda maior, o qual poderia ter se estabelecido no período da pandemia de covid-19. Em tempos árduos, a tecnologia foi a ferramenta para lidar com o isolamento social e seguir em frente com as atividades escolares e a vida profissional.

Repise-se, pois, que não se pode ignorar o impacto das mudanças ocorridas no mundo nas últimas décadas. Muitas foram as revoluções e evoluções, as quais trouxeram benefícios. Contudo, o cenário que envolveu as escolas e assolou o mundo em 2020, em razão da pandemia, continua a ser fonte de inquietação para educadores, mesmo após a imunização e o término do período crítico. Essa preocupação não se baseia apenas em notícias da mídia, mas também em relatos diários de pais, alunos e professores que afirmam que os efeitos da pandemia ainda têm impacto na rotina escolar.

De acordo com o psiquiatra Daniel Spritzer (2021), em uma entrevista ao canal CNN, muitos adolescentes ainda relatam dificuldade em manter o foco em sala de aula e em lidar com as próprias emoções, problemas de aprendizagem e, sobretudo, indícios de depressão e ansiedade, considerados efeitos pós-covid. Os pais, por outro lado, manifestam os desafios enfrentados para fazerem com que os filhos retomem a normalidade da vida acadêmica, incluindo uma rotina de acordar cedo para ir à escola e a interação social. Eles mencionam, por fim, as dificuldades em restabelecer ou criar vínculos sociais.

Pesquisas demonstram ainda que, durante o período da pandemia, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo, adolescentes desenvolveram um “vício” em jogos e que o excesso de uso de redes sociais resultou em um afastamento da realidade cotidiana. Segundo a CNN, em torno de 2% da população mundial sofrem de *gaming disorder*, uma espécie de dependência de games. A informação surgiu de um estudo publicado no Jornal de Psiquiatria da Austrália e Nova Zelândia, que relata que “[...] o transtorno é silencioso e perigoso para a saúde mental”. (SPRITZER; CNN BRASIL, 2021).

Portanto, ressalta-se que os desafios emocionais, acadêmicos e sociais, relacionados às redes sociais, aos jogos e às atratividades da vida virtual não cessarão. Diante dessa realidade, torna-se evidente a necessidade de fortalecer em âmbito psicológico a juventude, para que os jovens possam fazer escolhas mais assertivas, evitando vícios tecnológicos, drogas ou qualquer outra manifestação de dependência física ou emocional. “Nos últimos anos, a Organização Mundial de Saúde (OMS) vem trabalhando bastante em relação a isso e, em 2018, acabou incluindo na 11ª edição da Classificação Internacional de Doenças (CID 11) a chamada ‘gaming disorder’”, explica o psiquiatra Daniel Spritzer à CNN Brasil. (SPRITZER; CNN BRASIL, 2021).

Posto isso, conclui-se que é fundamental combater a fuga da realidade que ocorre pelo excesso de tempo nas redes sociais e que acarreta procrastinação, gerando risco de uma vida acadêmica aquém das reais possibilidades do estudante. Nesse cenário, Spritzer (2021) ressalta a importância do equilíbrio emocional e pontua:

É superimportante pensar em prevenção e ter um olhar mais amplo e mais complexo para outras questões de saúde mental, como depressão, ansiedade, outros problemas emocionais que podem acabar no aumento do risco de as pessoas se envolverem com os jogos de maneira mais intensa e problemática. (SPRITZER; CNN Brasil, 2021).

Dessa forma, é essencial discutir as habilidades sociais nas escolas, ponderando sobre a necessidade de auxiliar a nova geração a aprender a lidar com a tecnologia de forma saudável, controlar a tendência ao imediatismo – que gera ansiedade – e a tolerar frustrações. Assim estas consistirão em parte de um processo natural dos desafios vivenciados ao longo da vida.

Com o intuito de associar tal temática às diretrizes propostas pela Companhia de Jesus, as quais configuram o embasamento dos colégios da RJE, destaca-se o discurso do padre geral Arturo Sosa, em um encontro com educadores, na 36ª Congregação Geral da Companhia de Jesus, na Bolívia. Arturo Sosa (2018) abordou o tema “A educação jesuíta hoje”, afirmando que o trabalho educativo deve ser “[...] fundamentalmente uma aposta esperançosa no futuro. [...] A esperança e a transformação social estão vinculadas à educação que queremos oferecer” (SOSA, 2018, p.1-2). Assim, salientou preocupação referente ao futuro da nova geração.

Na parte intitulada *Educadores, mensageiros da esperança*, padre Arturo Sosa reforça a ideia de que “poderíamos dizer que um educador de uma instituição da Companhia de Jesus é um mensageiro da esperança” (SOSA, 2018, p.2). Nesse ponto, distingue uma esperança ingênua de uma esperança fundamentada em criar oportunidades e expectativas positivas no futuro. Enquanto a primeira consiste em uma crença irrealista e ingênua, em que tudo se resolverá por si, a segunda representa a atitude de enfrentar os desafios que, de modo constante, apresentam-se no mundo, mantendo-se conectados à realidade. Assim, destaca a necessidade de a sociedade se aprofundar em reflexões sobre como lidar com a nova realidade.

A nova geração, que vivencia o mundo de forma “diferente”, está inserida em famílias, escolas e salas de aula, influenciando e sendo influenciada. Por isso, é fundamental a interação e o diálogo entre as gerações. Todavia, deve-se ter cuidado com a maneira de lidar com as demandas e os problemas oriundos desse novo público. É preciso, portanto, compreender suas expectativas para ensinar a refletir sobre questões éticas que estão surgindo no mundo. Padre Arturo Sosa (2018) declara que “a tradição pedagógica inaciana tem sido capaz de assimilar experiências e sabedoria ao longo de quase 500 anos de existência” (SOSA, 2018, p.5), embasando as escolas da Rede Jesuíta com essa habilidade em lidar com os desafios das novas gerações. Ele acrescenta, ainda, que:

Queremos continuar oferecendo processos educativos que, a partir da pedagogia inaciana, permitam a formação de cidadãos e cidadãs com capacidade crítica, com uma mirada global, que sejam capazes, ao mesmo tempo, de viver desde as suas mais profundas raízes culturais, que sejam capazes de viver a partir daí, da sua identidade original, mas abertos a receber e a contribuir para o diálogo intercultural, a enriquecer-se e enriquecer os outros com o que podem contribuir a partir do seu próprio ser cultural. (SOSA, 2018, p.5).

Sendo assim, é imperativo conviver e interagir com a nova geração de forma coletiva, tanto para aprender com ela quanto para ensiná-la e reforçar valores éticos e morais. A geração atual cresceu em um ambiente digital, o que os torna diferentes das gerações anteriores na maneira como se comunicam, consomem informações e interagem com o mundo. As gerações anteriores devem, pois, compreender que a tecnologia não é prejudicial e que pode ser ferramenta para o progresso e o desenvolvimento, uma vez usada de forma responsável e ética.

Há questões fundamentais que nos fazem refletir muito. Por exemplo, a erupção das novas tecnologias que, além de serem instrumentos cada vez mais importantes no dia a dia das sociedades, vão também criando um tipo de ser humano que capta a realidade a partir de novas perspectivas. O que estamos vivendo não é apenas uma revolução tecnológica, é uma mudança não só de época histórica, é uma mudança de antropologia, é uma mudança no modo como os seres humanos vivem, é uma mudança do “habitat” em que vivemos. Hoje vivemos num mundo que alguns chamam de ecossistema digital. (SOSA, 2018, p.2).

Portanto, promover a convivência, a compreensão mútua e o fortalecimento das relações emocionais entre as gerações é essencial para fortalecer valores como respeito, empatia, responsabilidade e integridade. Tais valores são atemporais e fundamentais para a construção de uma sociedade justa e equilibrada. É responsabilidade de todas as gerações, incluindo a mais jovem, promover e defender esses valores.

4 A BNCC NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO INTEGRAL

O Ministério da Educação, em 2017, homologou uma alteração no documento normativo do sistema educacional brasileiro, a BNCC, avaliando o currículo escolar com uma proposta educacional atualizada e mais adequada à nova geração de estudantes. Estabeleceram-se, dessa forma, novas diretrizes para a elaboração dos currículos das escolas de Educação Básica do país.

Inúmeras pesquisas na área educativa apontam que o processo de ensino-aprendizagem está defasado e necessita de atualização para se adequar aos novos tempos. Com vistas a elaborar essa reformulação dos currículos e levando em consideração as aprendizagens essenciais e a diversidade cultural e socioeconômica brasileira, a BNCC reuniu especialistas de todas as áreas do conhecimento, a fim de refletir sobre como atualizar as propostas pedagógicas para atender a demanda dessa nova geração de estudantes. Nessa perspectiva,

A Base foi elaborada em cumprimento às leis educacionais vigentes no país e contou com a participação de variadas entidades, representativas dos diferentes segmentos envolvidos com a Educação Básica nas esferas federal, estadual e municipal, das universidades, escolas, instituições do terceiro setor, professores e especialistas em educação brasileiros e estrangeiros. (BRASIL, 2018, p.7).

Tal reestruturação objetivou elevar a qualidade do ensino no país, ao propor uma educação igualitária, definindo conhecimentos, competências e habilidades essenciais que os estudantes devem desenvolver ao longo de sua trajetória escolar. De acordo com a BNCC:

Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei n.º 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN). (BRASIL, 2018, p.7).

Com o objetivo de alinhar e nortear a educação no Brasil, promovendo a equidade e a igualdade e visando oportunizar aprendizagens além das acadêmicas, a Base Nacional Comum Curricular pretende “garantir o conjunto de aprendizagens essenciais aos estudantes brasileiros, buscando seu desenvolvimento integral por meio das dez competências gerais para a Educação Básica” (BRASIL, 2018, p.5). Essas competências deverão ser adquiridas ao longo dos anos escolares, articulando conhecimentos e habilidades cognitivas com o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Ademais,

Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (BRASIL, 2018, p.8).

Em suma, a (re)elaboração da BNCC almejou adequar as escolas à realidade dos estudantes, levando em conta as novas exigências do mundo do trabalho e da vida em sociedade. Essa abordagem, por sua vez, busca preparar os alunos para enfrentarem os desafios do século XXI, desenvolvendo não apenas habilidades cognitivas, mas também habilidades socioemocionais, fundamentais para o sucesso pessoal e profissional.

A BNCC elegeu dez competências essenciais para estudantes da Educação Básica: conhecimento; pensamento científico, crítico e criativo; repertório cultural; comunicação; cultura digital; trabalho e projeto de vida; argumentação; autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação; responsabilidade e cidadania. (BRASIL, 2018, p.5). Nesse sentido,

Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza. [...] mostrando-se também alinhada à Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU). (BRASIL, 2018, p.8).

As competências socioemocionais manifestam-se como fator de proteção à saúde mental e ao bullying e auxiliam no aprimoramento de conhecimentos, atitudes e valores para a vida de crianças e jovens, algo essencial em seu desenvolvimento. Dessa forma, tais competências devem fazer parte da aprendizagem dos alunos da Educação Básica. (BRASIL, 2018, p.7).

Portanto, com essa perspectiva ampliada, a BNCC busca proporcionar uma educação significativa e relevante, preparando os estudantes para serem cidadãos ativos, críticos e capazes de contribuir de modo positivo para a sociedade em que vivem.

4.1 Diretrizes propostas pela Rede Jesuíta de Educação às suas escolas: entrelaçando experiências

Em consonância com as propostas da BNCC para a formação integral dos estudantes, o Projeto Educativo Comum (PEC), documento que direciona as ações dos colégios da Rede Jesuíta de Educação, na edição de 2021, destaca que as propostas se refletem nas vivências dos estudantes dentro da escola. No documento, menciona-se que “[...] a construção do currículo considera a concepção de mundo, de sociedade e de pessoa que se deseja formar, assim como contempla aspectos da formação integral [...]”. (RJE, 2021, p.35). O PEC ressalta que procura conduzir sua proposta pedagógica de forma a trabalhar com as questões sociais atuais.

Vislumbramos um processo educativo cujo paradigma supere a visão racionalista vigente e nos impulse na renovação dos currículos e dos modos de ensinar, assumindo de forma mais explícita que, na perspectiva da educação integral, aprende a pessoa toda, e não apenas sua dimensão intelectual. (RJE, 2021, p. 36).

Posto isso, compreende-se que o currículo escolar se revela dentro e fora da sala de aula, através dos valores e da coerência das ações entre os atores envolvidos. O currículo, assim, procura, em sua construção e em seu desenvolvimento,

acompanhar as demandas apresentadas no mundo, a fim de traçar um caminho que alcance o propósito educacional e, do mesmo modo, oportunize a formação integral do indivíduo. Sendo assim,

A educação jesuíta tenta desenvolver nos alunos a capacidade de conhecer a realidade e avaliá-la criticamente. Esta consciência inclui a noção de que as pessoas e as estruturas podem mudar, juntamente com o compromisso de trabalhar por essas mudanças, de modo que se construam estruturas humanas mais justas, que possibilitem o exercício da liberdade unido a uma maior dignidade humana para todos. (CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS, 1998, n.º 58, p.38).

No livro *Características da educação da Companhia de Jesus*, a Companhia assumiu a preocupação e o compromisso em acompanhar e renovar sua atuação. Isso porque, de “tempos em tempos”, dispõe-se a repensar a maneira de educar e analisar para onde está seguindo.

Isso fica evidente, uma vez que, em setembro de 1980, reuniu-se em Roma um grupo de jesuítas de diversas partes do globo para analisar a eficácia dos centros educativos da Companhia. No encontro, discutiram-se ações da educação secundária da Companhia e questionou-se, por exemplo, se “poderiam ser instrumentos adequados para o cumprimento das finalidades apostólicas da Companhia de Jesus?” e se “seriam capazes de responder às necessidades dos homens e mulheres do mundo de hoje?” (CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS, 1998, p.11).

Conforme os registros, a partir desse encontro, ficou clara a necessidade de uma renovação constante nos centros educativos da Companhia. Isso porque, baseada nos ensinamentos de Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, sempre enfrentou os desafios com confiança e sem temer o futuro, durante quatro séculos. Ressalta-se que “se essa visão espiritual puder ser reavivada, reativada e aplicada à educação de maneira adequada aos dias de hoje, ela poderá fornecer o contexto dentro do qual outros problemas poderão ser enfrentados.” (CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS, 1998, p.11-12).

Logo, a Companhia demonstra estar atenta às mudanças ocorridas no mundo e à necessidade de adaptar o currículo, adequando-o às demandas atuais. Em outras palavras, “As regulamentações dos governos ou a influência de outras organizações externas afetam diversos aspectos da vida escolar, incluindo o currículo e os textos

que são usados [...]” (CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS, 1998, p.11-12).

Na obra *Pedagogia Inaciana, uma proposta prática*, esclarece-se que as constantes reflexões, análises e considerações sobre a atuação da Companhia são incansáveis, a fim de que ela se mantenha fiel aos ensinamentos de Inácio de Loyola. Logo tais ensinamentos – baseados em ética, justiça e igualdade – são contextualizados com os dias atuais, formando estudantes que se preocupam com outros indivíduos e com sua forma de viver no mundo.

Para atingir o nosso objetivo como educadores dos colégios da Companhia, precisamos de uma pedagogia que lute por formar “homens e mulheres para os outros”, num mundo pós-moderno, no qual estão atuando forças antagônicas a este objetivo. (PEDAGOGIA INACIANA, UMA PROPOSTA PRÁTICA, 2009, p.29, n.º 20).

Outrossim, verifica-se no livro que o Paradigma Pedagógico Inaciano salienta a dimensão social do ensino e da aprendizagem e procura orientar professores e estudantes para um processo que estimula cultura, conhecimento, inovação, diálogo, reflexão e cooperação. Nesse contexto, a obra se destaca por seu posicionamento humanista, no qual evidencia uma pedagogia que almeja a formação integral e que procura acompanhar as demandas educacionais e sociais dos estudantes em qualquer tempo.

Nesse cenário, ressalta-se que:

[...] O objetivo da educação no mundo de hoje, marcado por tão rápidas mudanças em todos os níveis da iniciativa humana, e por sistemas e ideologias competitivas entre si, não pode permanecer restrito, se quisermos efetivamente preparar homens e mulheres que sejam competentes e conscientes, capazes de contribuir significativamente para o futuro da humanidade. (PEDAGOGIA INACIANA, UMA PROPOSTA PRÁTICA, 2009, p.71, n.º 79).

No artigo *Olhares sobre a Pedagogia Inaciana*, do padre Francisco Ivern Societas Iesu (S.J.), encontra-se um relato que exemplifica essa vivência de formação inaciana. O autor conta que teve sua formação acadêmica em um colégio jesuíta, no qual, desde cedo, identificou-se com os princípios da Companhia de Jesus. Os ensinamentos recebidos entre 14 e 16 anos ficaram impressos em sua memória e em seu coração, o que ressalta o impacto que a Pedagogia Inaciana causou em sua

formação, oportunizando conhecimentos para além da teoria e de atividades curriculares.

De acordo com Ivern. S.J. (2002), o período de vivência acadêmica em um colégio jesuíta favoreceu o desenvolvimento de uma visão crítica de mundo e potencializou seu protagonismo juvenil. Para ele, participar de apresentações artísticas e culturais, debates acadêmicos, entre outras atividades extracurriculares no colégio, foram experiências únicas e fundamentais para sua formação. Ele afirma que, à época, não sabia nomear que tipo de educação era aquela, mas já entendia seu valor e a influência que essas aprendizagens teriam em sua vida. Nas palavras do autor,

[...] a convicção de que, para se bem educar, não basta a informação nem o puro conhecimento, mas que existem outras dimensões tão ou mais importantes para uma formação humana integral, como, por exemplo, no campo afetivo, artístico ou até lúdico. Também me foi inculcado, já no colégio, que era mais importante aprender a julgar e discernir do que simplesmente acumular conhecimentos [...]. (IVERN, S.J, 2002, p.1).

Em seu artigo, o padre Francisco Ivern (2002) relembra que, anos depois, após assumir a função de provincial dos jesuítas, passou a visitar os colégios da Companhia de Jesus. Anualmente acompanhava as ações, com o objetivo de observar como estava sendo implementada a Pedagogia Inaciana nas escolas, analisando a maneira como se estabeleciam a educação acadêmica e os ensinamentos de moral e doutrina cristã. Ele enfatiza que muitos esforços foram feitos na busca de documentar e normatizar os preceitos da Pedagogia Inaciana, sem que se perdessem os ensinamentos de Inácio de Loyola, de modo a não se esquecer da essência da formação integral do estudante. A Companhia de Jesus continua, portanto, persistindo em sua missão por mais de quatro séculos de forma significativa nas ações sociais, na formação e na educação dos seus integrantes. Posto isso,

A Companhia de Jesus, também conhecida como Ordem dos Jesuítas, foi fundada por Santo Inácio de Loyola e aprovada oficialmente pelo Papa Paulo III, em 27 de setembro de 1540. Nesses mais de 470 anos de história, é destacada pelo forte trabalho missionário, indo às fronteiras das dificuldades sociais. (RJE, [2023?]).

A Companhia de Jesus no Brasil reúne 17 unidades de Educação Básica, as quais são administradas pela RJE. A Rede Brasil foi constituída em 2014, visto que, antes, os colégios eram divididos em províncias. A administração em rede promoveu

o compartilhamento de experiências e estratégias dos colégios jesuítas do Brasil, com o propósito de transformá-los em “centros de aprendizagem integral, lugares de transformação evangélica da sociedade e da cultura” (RJE, [2023?]), nos quais se visa promover um trabalho integrado, mantendo sua identidade nas demais unidades.

A Rede Jesuíta de Educação Básica (RJE) acredita que os processos educativos podem ser transformadores de vidas e realidades. Por meio de uma educação para a cidadania global e para a renovação da fé cristã, as instituições da RJE são espaços de formação de lideranças capazes de irradiação nas diferentes instâncias sociais. (RJE, [2023?]).

Nesse sentido, a RJE promove uma educação integral baseada em valores cristãos que oportunizem “o desenvolvimento do estudante nas dimensões cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa, por meio de um currículo integrado e integrador”, e que contribuam para a formação de cidadãos “competentes, conscientes, compassivos, criativos e comprometidos”. (PEC, 2021, p.14-15).

O trabalho em rede propicia aos colégios da RJE atividades e eventos de intercâmbio intercolegial com o intuito de favorecer aspectos da formação integral. Nesse cenário, existem os Concursos de Redação e Arte, já em sua 7ª edição, que elegem os melhores trabalhos criados pelos estudantes do 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental II das escolas da RJE para compor uma coletânea de produções artísticas, textuais e fotografias a ser publicada pelas Edições Loyola no ano seguinte à realização da competição. Os projetos almejam oportunizar o trabalho em rede e valorizar as habilidades e os talentos dos estudantes. A cada ano escolhe-se um novo tema para nortear as produções que buscam favorecer a criticidade e a reflexão, promovendo a aprendizagem integral (RJE, [2023?]).

Outro projeto em linha com a formação integral dos estudantes é o Encontro de Formação Integral (EFI). Ele reúne alunos de vários colégios da Rede para a execução de atividades diárias, dinâmicas e vivências. Desse modo, fortalecem-se as aprendizagens nas dimensões afetiva, espiritual, ética, social e política, com auxílio de uma experiência profunda e iluminada por vivências pelo modo de proceder inaciano.

Por último, a ONU Intercolegial é mais um exemplo na busca pelo desenvolvimento pleno dos estudantes. Os discentes realizam atividades de análises, discussões e questionamentos atuais, com o objetivo de transformar os jovens em cidadãos globais, que pensam soluções inovadoras e criativas para o mundo.

Ademais, a RJE preocupa-se com a formação de seus professores, já que entende que ela afeta os processos de ensino e aprendizagem. Por isso, a Rede oferece, através do Programa de Formação Continuada, um convênio com a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) para a Especialização em Educação Jesuítica: aprendizagem integral, sujeitos e contemporaneidade e o curso de Especialização em Cidadania Global na Faculdade Jesuíta – Belo Horizonte (FAJE). Além desse, possibilita o Mestrado Profissional em Gestão Escolar e o doutorado, cursos exclusivos para educadores da RJE, a fim de que possam estar mais preparados para atuarem com os estudantes e contribuírem ainda mais para a formação deles. (RJE, [2023?]).

Contudo, não se pode deixar de destacar que a Rede estimula os projetos individuais dos seus colégios, que visam à formação integral dentro de sua comunidade. A matéria *Competências socioemocionais: como tornar as relações saudáveis no ambiente escolar* (RJE, [2023?]), traz exemplos de alguns desses projetos que buscam ações destinadas a trabalharem as competências socioemocionais dos estudantes. A Escola Padre Arrupe, em Teresina (PI), por exemplo, promove atividades com estudantes do 3º ao 5º ano, participantes do projeto *Liderança infantil*. O programa consiste na formação de líderes de turma, os quais, com base nesse exercício de cidadania, refletem sobre o papel da liderança estudantil para a melhoria dos processos de aprendizagem, além de estimular o protagonismo dos estudantes.

Já no Colégio Santo Inácio (RJ) desenvolve-se o projeto *Abrindo o coração*, que aborda com os estudantes das turmas do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental as dimensões socioemocional e espiritual, com apoio nas reflexões sobre cuidado, cooperação, autoconhecimento, empatia e outros sentimentos.

O Colégio dos Jesuítas de Juiz de Fora (MG), por sua vez, enriquece o aprendizado com experiências que auxiliam a formação integral. Ressalta-se, nesse contexto, a inauguração ocorrida em 2023 – o Quintal da Imaculada –, espaço para atividades ao ar livre que oferece às crianças e aos jovens a oportunidade de contato com a natureza. As crianças, então, desenvolvem habilidades cognitivas e socioemocionais de forma prazerosa, na convivência com outras crianças, tendo como referência as antigas casas de avós.

Por fim, o Colégio Loyola de Belo Horizonte (MG) criou o Núcleo de Educação para a Paz (NEP). Como parte da Política Institucional de Convivência Escolar, o

núcleo oferece ações interdisciplinares de educação para a paz, além de coordenar e implementar ações de práticas restaurativas.

Diante do exposto, é notável o compromisso crescente das escolas da Rede Jesuíta de Educação em fomentar ações que colaborem para a formação integral de seus alunos e favoreça o desenvolvimento das competências socioemocionais. Esse comprometimento revela a dedicação contínua dessas instituições em fornecer uma educação enriquecedora e abrangente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade está em constante evolução, e a educação deve estar à altura dessas mudanças. Isso implica reconhecer e valorizar as diferentes identidades, condições sociais e culturais dos alunos. Porém, tal ação requer uma abertura para novas abordagens pedagógicas, métodos de ensino mais inclusivos e uma atenção especial às habilidades socioemocionais. Dessa forma, dialogar sobre as necessidades educacionais torna-se imprescindível quando se trata de pensar em um real desenvolvimento do ser humano.

No presente estudo, destacou-se a relevância das habilidades socioemocionais como fator essencial para o desenvolvimento integral dos indivíduos. Ressaltou-se, também, o trabalho das escolas da Rede Jesuíta de Educação que, através das diretrizes da Pedagogia Inaciana, contribui de forma significativa para a educação e para a cidadania.

Ademais, é imperativo repensar a maneira de trabalhar a educação em todas as escolas, admitindo a existência de novas culturas e as transformações ocorridas na sociedade. Isso porque a transformação do mundo obriga os indivíduos a saírem do lugar que conheciam e mostra que as diferenças de identidades compelem a se modificar a maneira de lidar com a sociedade e com os indivíduos, com o desafio de educá-los em sua própria diferença.

Nesse sentido, as escolas da Rede Jesuíta de Educação, consoante as diretrizes da Pedagogia Inaciana, desempenham papel vital na promoção dessas habilidades. A Pedagogia Inaciana enfatiza o desenvolvimento integral do indivíduo, abrangendo não apenas a dimensão acadêmica, como também a social, a emocional, a espiritual e a religiosa. Isso está alinhado com a necessidade de uma abordagem educacional mais ampla e adaptada aos “novos tempos”.

Cada indivíduo é único, e a educação deve adaptar-se para atender às necessidades específicas de cada um, ao passo que atua em caráter coletivo. Isso requer uma abertura para novas abordagens pedagógicas, métodos de ensino mais inclusivos e uma atenção especial às habilidades socioemocionais.

Posto isso, compreende-se que a gestão das emoções na adolescência pode repercutir na saúde mental dos jovens, resultando na falta de equilíbrio emocional. Essa percepção motiva uma abordagem voltada ao desenvolvimento das habilidades socioemocionais nas escolas, na crença de que pequenas ações podem se tornar a base de uma mudança substancial e positiva em toda a sociedade. Klein (2014, p. 2) afirma que:

[...] A meta da Pedagogia Inaciana é ajudar a formar o ser humano, através do processo educativo – formal e não formal – a reconhecer a sua dignidade, a sua filiação divina, a sua vocação a ser. Empenha-se em estimular as pessoas a desenvolverem ao máximo suas potencialidades e dimensões, a exercer sua liberdade, a atuar com autonomia e personalidade na transformação da sociedade, a solidarizar-se com os demais e com o meio ambiente [...]. (KLEIN, 2014, p.2).

Portanto, as habilidades emocionais e sociais, de modo contíguo às cognitivas, se bem desenvolvidas, favorecem a formação integral dos estudantes, reverberando de modo significativo em suas vidas.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. ***O mal-estar da pós-modernidade***. Ed. Schwarcz: Companhia das Letras, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS. Edições Loyola. 4ª. Ed. São Paulo, 1998.
- COLÉGIO DOS JESUÍTAS. **Projeto Político-Pedagógico**. Juiz de Fora, 2019. Documento interno da instituição.
- CORAZZA, Sandra Mara. Nos tempos da educação: cenas de uma vida de professora. **Revista da ABEM** (Associação Brasileira de Educação Musical), Porto Alegre, n. 12, 7-10, mar. 2005.
- DEL PRETTE, A., & DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo**. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda AP. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Ed. Vozes Limitada, 2017.
- DELORS, Jacques et al. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Séc. XXI. Brasília, jul. 2010. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590_Acesso> Acesso em: set. 2023.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. Objetiva, Rio de Janeiro, 1996.
- GOMES, Rodrigo Azevedo; SIQUEIRA, Mirlene Maria Matias. Inteligência emocional de estudantes universitários. **Periódicos Eletrônicos em Psicologia**, São Paulo, v. 14, n. 14, out. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092010000100003 Acesso em: 20 ago. 2023.
- SANTOS, JUCIANY SOUSA. Educação emocional e social e a prática pedagógica na unidade escolar Monsenhor Lopes na cidade de Ipiranga do Piauí. **Repositório UFPI**, Piauí, 2010. Disponível em: chrome-extension://efaidnbnmnibpcjpcglclefindmkaj/https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/PICOS/Not%C3%ADcias/PICOS_2022/Biblioteca/2015/Pedagogia_2015/Juciany_Sousa_Santos.pdf. Acesso em: 20 ago. 2023.

IVERN, P. Francisco. **Olhares sobre a Pedagogia Inaciana**. Conferência de Provinciais Jesuítas da América Latina (CPAL), 3º Congresso Inaciano de Educação. São Paulo, jul., 2002.

KLEIN, Luiz Fernando. **A educação Integral segundo a Pedagogia Inaciana**. In: Conferência proferida no I Encontro Virtual de Diretores Acadêmicos da FLACSI. Set. 2017.

KLEIN, Luiz Fernando. Pedagogia inaciana: sua origem espiritual e configuração personalizada. **2º Encontro de Diretores Acadêmicos de Colégios Jesuítas da América Latina**, 2014. Disponível em: <chromeextension://efaidnbmnfnkcejlspcclkilhmkkkj/https://www.flacsi.net/wp-content/uploads/2014/09/PedInacOrigemConfig18set14.pdf. Acesso em: 28 set. 2023.

OMS destaca necessidade urgente de transformar saúde mental e atenção. OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde, jun. 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2022-oms-destaca-necessidade-urgente-transformar-saude-mental-e-atencao. Acesso em: 20 de ago. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio**, 22 junho, 2010. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/66851-os-objetivos-de-desenvolvimento-do-mil%C3%AAnio. Acesso em: 30 jul. 2023.

PEDAGOGIA INACIANA. **Uma proposta prática**. 7.ed. São Paulo: Loyola, 2009.

PIAGET, J. **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PINHEIRO, M. I. S., HAASE, V. G., DEL PRETTE, A., AMARANTE, C. L. D., & DEL PRETTE, Z. A. P. Treinamento de habilidades sociais educativas para pais de crianças com problemas de comportamento. **Psicologia: reflexão e crítica**, 19, 407-414, 2006.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO (RJE). **Projeto Educativo Comum**. Rio de Janeiro: Loyola, 2021.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO (RJE). **Rede Jesuíta de Educação: A Companhia de Jesus**, [s. l., 2023?]. Disponível em: https://redejesuitadeeducacao.com.br/companhia/ Acesso em: 10 ago. 2023.

RELATÓRIO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO 2021/2022. **Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2021-2022**. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil/desenvolvimento-humano/publications/relatorio-de-desenvolvimento-humano-2021-22. Acesso em: 30 jul. 2023.

SPRITZER, Daniel. **Vício em games atinge quase 2% da população mundial, mostra estudo**. CNN Brasil, out. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/vicio-em-games-atinge-quase-2-da-populacao-mundial-mostra-estudo. Acesso em: 20 ago. 2023.

SETÚBAL, Dr. José Luiz. **Por que limitar o uso de mídia do seu filho?** Instituto Pensi - Pesquisa e Ensino em Saúde Infantil, 2018. Disponível em: <<https://institutopensi.org.br/blog-saude-infantil/por-que-limitar-o-uso-de-midia-do-seu-filho>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

SETÚBAL, Dr. José Luiz. **Quando a rede social e os games viram uma dependência ou um vício?** Instituto Pensi - Pesquisa e Ensino em Saúde Infantil, 2021. Disponível em: <<https://institutopensi.org.br/quando-a-rede-social-e-os-games-viram-uma-dependencia-ou-um-vicio/>>. Acesso em: 30 jul. 2023

SOSA, P. Arturo. Encontro com educadores. **A Educação Jesuíta hoje:** discurso e perguntas do conversatório. La Paz, Bolívia, 2018.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2003. (Trabalho original publicado em 1926).